

Natação Feminina em Portugal:

entre a igualdade de género e a disparidade histórica

Por: Daniel Leal



© FPN

Vinte e oito de julho de 2021. Ana Catarina Monteiro, com equipamento preto colado ao corpo, dirige-se à beira da piscina em Tóquio. Na preparação para saltar à água, a expressão é de absoluta concentração. Os óculos são calmamente ajustados à face, tal como a touca que carrega a bandeira de Portugal. Respira fundo. Está pronta. Ao ouvir soar o sinal de partida, a explosão da vida: Catarina mergulha na pista 1 com o máximo vigor. Naquela altura, a nadadora, então com 27 anos, já não era só ela própria: era o País, era a natação portuguesa. Até mais do que isso: era a natação feminina portuguesa a fazer história, com a melhor marca de sempre de uma mulher em Jogos Olímpicos

“O que passou pela minha cabeça naquele momento, e mesmo nos momentos seguintes, foi um grande orgulho por ter ali chegado e por todo o caminho que percorri. Mas, por outro lado, não consegui atingir um dos meus maiores objetivos, que era nadar para recorde nacional. Sendo ou não recorde pessoal, acho que deve ser sempre valorizado, nunca imaginava que o meu nome estivesse marcado na história da natação feminina como está, confesso”, revela a atleta do Clube Fluvial Vilacondense.

O 11.º lugar nos 200m mariposa conquistado por Catarina Monteiro carrega consigo um simbolismo capaz de trazer luz ao desenvolvimento da modalidade no seu âmbito feminino. O que para muitos países pode ser muito pouco, para a natação portuguesa, a presença numa inédita – e única – meia final na maior competição do desporto mundial, de certa forma concretiza o processo de crescimento da vertente feminina nesta modalidade no país. Em 29 edições de Jogos Olímpicos, Portugal esteve representado na natação pura por 17 vezes, das quais dez com presença das mulheres.

Os números estatísticos históricos que serão apresentados ao longo desta reportagem servem, especialmente, para dois pontos: primeiro, para ratificar esta consistente evolução feminina na natação; segundo, para mostrar que ainda há um longo caminho a percorrer para que o processo de evolução nos resultados e de igualdade de género, hoje reverenciado como positivo pelas atletas e por gestores, seja completo.

Foi em Roma, em 1960 – 36 anos após a primeira participação masculina com Mário Silva Marques, em Paris 1924 – que uma mulher se estreou nos Jogos Olímpicos a representar Portugal, com a histórica nadadora Regina Veloso, atualmente com 83 anos [*a SportMagazine tentou entrar em contacto, mas, por razões de saúde da antiga atleta nascida em Moçambique, não foi possível contar com a sua participação*].

Depois dela, Portugal só voltaria a ter representantes 28 anos depois, em Seul 1988, com Sandra Neves. Nessa altura, quando as mulheres regressaram ao palco olímpico, Portugal já havia conquistado aquela que, até hoje, é a sua única participação numa final olímpica, concluída com um sétimo lugar de Alexandre Yokochi, em Los Angeles 1984, nos 200m bruços.

Desde Sandra Neves, no entanto, a natação feminina não mais deixou de participar nos Jogos Olímpicos, somando nove participações consecutivas com 19 nadadoras a competir em 36 provas. O professor e antigo treinador olímpico António Vasconcelos Raposo, presente ao lado de Maria Carlos Santos em Atlanta 1996, recorda que o hiato de participações femininas na natação fez parte de um passado onde as mulheres estavam restritas à prática desportiva. Uma realidade que mudou, a acompanhar a evolução social.

“A natação feminina esteve sempre presente na prática competitiva. Inicialmente, em número muito menor

por constrangimentos sociais. Mas com o acesso aberto às piscinas, com o ultrapassar de um conjunto de tabus que vinham dos anos 1950, os grandes resultados foram obtidos, com participação regular nos Jogos Olímpicos, Campeonatos do Mundo e da Europa. Foi essa abertura social, de aceitação das mulheres na prática desportiva que contribuiu para que houvesse cada vez mais mulheres na natação”, explicou.

“Concordo totalmente. Os Jogos de Atlanta, em 1996, marcaram também o arranque da transformação digital no mundo. Foram os primeiros a disponibilizar uma área de acesso à internet, numa altura em que [ainda não] eram comuns as expressões de ‘navegar na internet’. Esta partilha de informação, o acesso a conteúdos diversificados tem vindo a permitir a divulgação da natação e servido de inspiração a muitas e muitos jovens”, acrescentou a antiga nadadora Maria Carlos Santos, atualmente com 44 anos.

No período em que as mulheres portuguesas estiveram ausentes das principais competições mundiais, os homens continuaram a somar participações internacionais, como nos Jogos Olímpicos. Ao todo, são 78 nadadores presentes em 128 provas disputadas.

A diferença de participação, cerca de quatro vezes maior que a feminina, está, gradualmente, a ficar no passado, principalmente desde deste Atlanta-1996. Aqueles Jogos foram um marco, dado que, na altura, pela primeira vez, Portugal foi aos Jogos nadar mais provas femininas [12] do que masculinas [10] – ainda que o número de nadadores homens fosse maior [7-5].

A desigualdade entre os géneros está a perder força a partir de uma série de ações impostas pela sociedade e que são refletidas no âmbito administrativo, o que abre espaço para condições igualitárias no desporto.

Condições iguais

A natação é um dos poucos desportos em Portugal – a exemplo do voleibol ou da ginástica – em que há mais mulheres do que homens na sua prática desportiva. De acordo com o último relatório publicado pela Federação Portuguesa de Natação (FPN), relativo a 2022, dos cerca de 77 mil nadadores, entre filiados e federados nas cinco modalidades aquáticas (natação pura, artística, águas abertas, polo aquático e saltos), 42 mil ou 54% são do género feminino. Uma realidade também muito próxima quando falamos de alto rendimento na natação pura, onde as mulheres são menos, mas ocupam 46,4% do espaço entre os 7.360 nadadores federados.

Inferioridade esta que, atualmente, se restringe a isto. Afinal, valores de bolsas, prémios por participações em grandes competições ou recordes nacionais, por exemplo, não têm qualquer distinção entre géneros. Nem tampouco as condições de treino para o desenvolvimento técnico das atletas. E não é de hoje. “Efetivamente, a minha geração, nascida após o 25 de abril, teve a vantagem de praticar desporto, neste caso natação, num contexto de total liberdade e igualdade de direitos e oportunidades, que se mantém até hoje”, observou Maria Carlos Santos.

“Não sei como era antes, mas hoje é igual. Principalmente no grupo de trabalho em que estou, não sinto diferenciação a nível de tratamento ou de condições ou

Catarina Monteiro aponta “decepção” em 2022 e projeta 2023 com otimismo



qualquer coisa. Penso que estamos a evoluir no sentido certo”, disse a jovem Camila Rebelo, 19 anos, finalista nos últimos Europeus e recordista nacional nos 100m e 200m costas.

A atleta da Louzan Natação é, inclusivamente, uma das quatro atletas que integram o quadro sénior de elite nacional, composto também por Tamila Holub, Diana Durães e Ana Catarina Monteiro. Entre os homens, mais cinco nadadores: Gabriel Lopes, Diogo Ribeiro, João Costa, Miguel Nascimento e Francisco Santos.

De acordo com o Plano de Alto Rendimento da FPN para Paris 2024, o organismo tem como objetivo fazer os mínimos A para dez provas. “Eu tenho expectativas reais que nós possamos ter pelo menos seis nadadores”, disse o diretor técnico da FPN, José Machado.

Para isso, a Federação realiza na natação pura um investimento recorde de 627 mil euros - 34,3% superior ao ano passado. Os valores, conforme explica o presidente da FPN, António Silva, são fruto de um plano de desenvolvimento colocado em prática desde 2013. O investimento, mais uma vez, é global, sem fazer distinção a género. “A questão aqui não é ser homem ou mulher, é a igualdade da criação de condições”, destacou o presidente.

Na iminência de se tornar a primeira nadadora portuguesa a disputar três Jogos Olímpicos consecutivos, Tamila Holub, atleta do SC Braga, observa que a igualdade em destaque na natação ainda é uma exceção no desporto. “Há quatro, cinco anos, convidaram-me para uma palestra. Eu ouvi primeiro as minhas outras colegas que estavam a falar e eu percebi que tenho muita sorte por estar na natação. Na minha experiência pessoal, não vi uma única vez qualquer desigualdade de género no meu meio. Nunca senti e nunca vi isso”, contou.

A nadadora menciona ainda que às vezes se sente “até mais privilegiada que os rapazes”. E cita o estágio da Seleção Nacional, que decorreu entre 13 de janeiro e 3 de fevereiro, em Font Romeu, em França, como exemplo de crescimento da representatividade feminina.

“Eu vim a este estágio pela primeira vez em 2017 e erámos só eu e a Diana Durães as raparigas. E eram seis ou sete rapazes. Hoje somos maioria”, destacou Tamila. De facto, na ocasião, a FPN convocou cinco nadadoras e apenas o medalhado europeu Gabriel Lopes entre os homens – além de outros dois rapazes na natação adaptada.

“Sinto que, pessoalmente, nunca vivi nenhuma discriminação no desporto, nunca senti a desigualdade homem e mulher no meu caso pessoal. Mas sei que elas existem e não é preciso ir muito longe. Infelizmente”, acrescentou Catarina Monteiro a concluir que a disparidade histórica “é algo que ainda precisa ser combatido”, e que o desporto proporciona ferramentas para esse caminho de igualdade, apesar de “ainda está longe de ser completamente igual”.

“É um mundo de homens ainda”

Apesar dos depoimentos de algumas das principais nadadoras do desporto nacionais apontarem para a igualdade plena nas condições de trabalho ‘dentro das piscinas’, fora delas há ainda uma prevalência histórica dos homens. Nos cargos de treinadores, gestores, presidentes de clubes, diretores técnicos e, inclusive da federação – estes dois últimos cargos jamais chefiados por uma mulher em Portugal -, a predominância masculina ainda reflete um domínio masculino estrutural que, silenciosamente, pode ainda fazer alguma diferença.

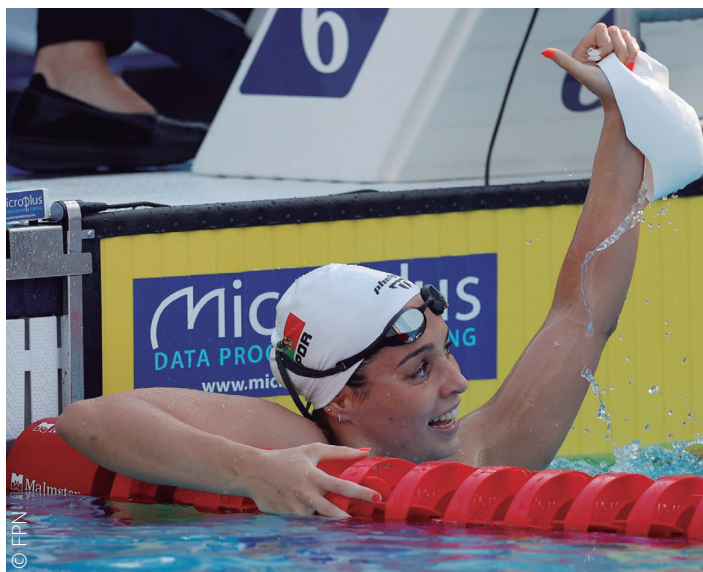
Atualmente, dos 555 treinadores filiados na FPN, 402 são homens. Os 72,5% de participação masculina neste quesito, é importante ressaltar, ainda chegam a ser inferiores à média nacional de 85% de homens nessa função, de acordo as estatísticas divulgadas no ano passado pelo Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ).

Uma das 153 treinadoras portuguesas é a antiga nadadora olímpica de águas abertas Vânia Neves. Há quatro anos treinadora da equipa de técnicos dos juvenis, juniores e seniores do Viana Natação Clube, a antiga atleta fala um pouco da sua experiência que teve ao entrar neste universo.

“O que eu senti no início foi que, maioritariamente, respeitavam mais um treinador homem do que me respeitavam a mim. Mas acho que isso é uma questão de mudar um bocadinho a mentalidade. Efetivamente, os miúdos hoje em dia já estão a ser educados para entender que somos todos iguais”, contou.

“Nos escalões mais novos, infantis, cadetes, já começam a ver muitas mulheres treinadoras. Acho que também tem a ver com o tato. Acabamos por ser mais ‘fofas’ com os miúdos mais novos. Com os mais velhos, efetivamente em nacionais, somos duas, três mulheres. É um mundo de homens ainda. Já começam a aparecer algumas mulheres, nomeadamente as nadadoras como eu. Mas não há uma explicação plausível para isso acontecer”, acrescentou a Vânia Neves, que esteve nos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Presente em Atenas 2004 e Pequim 2008, a também antiga nadadora Diana Gomes recorda que o processo de igualdade no investimento e nas condições, hoje um



Camila Rebelo

A centésimos dos mínimos para Paris 2024, Camila Rebelo evita expectativas: “Se meter essa pressão toda assim pode correr mal...”



exponente da natação nacional, já se fazia valer desde a sua época. Entretanto, a atual presidente da Comissão de Atletas Olímpicos (CAO) lança um olhar crítico relativamente aos cargos que regem a natação nacional.

“Relativamente à equidade de género, na minha ingenuidade, sempre acreditei que ela existia. Sempre fui vendo as coisas do prisma que acreditava ser a verdade. Hoje, olhando em retrospectiva, é-me difícil ver que isso existiu”, começou por dizer.

“Exceções a esta afirmação existem, claro. Por exemplo, na relação com os meus treinadores, que ante tudo sempre colocaram a minha opinião e decisão no topo das opções. No entanto, na escada que ascendia ao lugar da decisão final, nem sempre isso aconteceu como seria expectável. Se houvesse mais mulheres na liderança desportiva, teria sido esta resposta diferente? Provavelmente, sim”, apontou a presidente da CAO.

Na escala administrativa da FPN, por exemplo, além do presidente, dos restantes 11 cargos de direção, apenas um é exercido por uma mulher. António José Silva, presidente do organismo, admite que é algo que ainda precisa de evoluir. O professor Vasconcelos Raposo, por sua vez, reforça mais uma vez que o desporto reflete muito daquilo que é a sociedade e que a realidade em transformação resulta exatamente da própria evolução social e da aceitação pela mulher ter acessos tal qual como o homem.

“A prática da natação não pode ser vista de uma forma isolada do que é a sociedade e nós temos assistido nos últimos anos a uma luta para que as mulheres participem cada vez mais em cargos de responsabilidade, chefias, lideranças, nas presidências de empresas, administrações e, obviamente”, disse.

A questão dos vencimentos do profissional treinador da natação também foi apontado por Vasconcelos Raposo como um fator que afasta as mulheres da função. Ele explica que em regra geral, os treinadores têm um segundo emprego e que para a mulher é mais “muito complexo harmonizar treinos com casa e família”, o que trata como uma “situação lamentável” e que precisa de solução.

“Fiquei triste por termos perdido treinadoras como uma Sandra Alves, uma Teresa Figueiras, duas nadadoras internacionais, e quem tinham uma sensibilidade para o treino incrível. E muitas outras. Os vencimentos também são muito miseráveis na natação. Paga-se miseravelmente mal aos treinadores. Portanto, tem que procurar um segundo emprego. São muito poucos os treinadores em Portugal que trabalham em dedicação exclusiva nos clubes. Nem sei se há cinco”, lamentou.

Melhores resultados, o caminho

Ao contrário da natação masculina, a feminina jamais esteve num pódio em Campeonatos da Europa. Nos últimos, em Roma 2022, Gabriel Lopes (200m estilos) e Diogo Ribeiro (50m mariposa) somaram-se ao pódio de Alexis Santos (bronze 200 metros estilos dos Europeus de Londres de 2016) e Alexandre Yokochi (prata nos 200 metros estilos em Sófia 1985).

Por outro lado, as nadadoras estiveram com a melhor representação de sempre em finais, em cinco provas, com quatro nadadoras distintas (Diana Durães, Camila Rebelo, Catarina Monteiro e Tamila Holub) contra três homens (João Costa, Gabriel Lopes e Diogo Ribeiro). Para ratificar a evolução feminina, podemos destacar que, antes destes últimos europeus, só cinco mulheres tinham chegado a finais na competição – Ana Barros, Joana Arantes, Sara Oliveira, além das próprias Diana Durães e Ana Catarina Monteiro.

Sobre esse processo de crescimento, o professor Vasconcelos Raposo deixou claro que, para já, pensar por exemplo numa final olímpica é prematuro, e destacou o caminho para que a evolução seja contínua neste sentido.

“Julgo que temos que continuar a dar passos. E os passos que estão a ser dados são passos consistentes. Não só há melhoria no estado atual da natação feminina, e masculina, que está a evoluir também muitíssimo. Estou convencido que isso é um processo irreversível e que daqui a dois, três, quatro anos, isso estará mais evoluído. O certo é que nos estamos já a aproximar de uma média mundial em termos de resultados. Na parte masculina já estamos acima dessa média mundial”, afirmou.

O processo de evolução, deve-se, segundo professor Vasconcelos Raposo a sete pontos:

1. Maior qualificação dos treinadores;
2. Maior experiência que os treinadores vão acumulando com os treinadores estrangeiros e outros portugueses;
3. Maior disponibilidade de tempo dos atletas para treinar;
4. Maior disponibilidade dos espaços aquáticos para treinar;
5. Criação de centros de treinos que vão favorecer e estimular a melhoria das condições de treino;
6. Maior apoio de especialistas: médicos, biomecânicos, fisioterapeutas, psicólogos, nutricionistas;
7. Plano estratégico a longo prazo da FPN.

História da natação feminina portuguesa nos Jogos Olímpicos:

ROMA 1960

REGINA VELOSO

Eliminada nas eliminatórias:
Em 29 participantes,
7º lugar na sua série

SEUL 1988

SANDRA NEVES

100m Mariposa 27º lugar
200m Mariposa 18º lugar

BARCELONA 1992

JOANA ARANTES

100m Mariposa 39º lugar
200m Mariposa 19º lugar

ANA BARROS

100m Costas 36º lugar

ANA ALEGRIA

100m Mariposa 36º lugar
100m Livres 41º lugar

ATLANTA 1996

PETRA CHAVES

200m Costas 26º lugar
200m Estilos 33º lugar

MARIA CARLOS SANTOS

100m Costas 22º lugar
4x100m Estilos 21º lugar

JOANA SOUTINHO

100m Bruços 34º lugar
4x100m Estilos 21º lugar

SYDNEY 2000

RAQUEL FELGUEIRAS

200m Mariposa 27º lugar

ANA FRANCISCO

100m Mariposa 26º lugar
200m Mariposa 22º lugar
4x100m Estilos 21º lugar

ANA ALEGRIA

200m Livre 29º lugar
4x100m Estilos 21º lugar
400m Livres 37º lugar

ENTREVISTA A ANTÓNIO JOSÉ SILVA, PRESIDENTE DA FPN

SportMagazine (SM) - Como avalia o desenvolvimento da natação feminina em Portugal. Pode-se dizer, por exemplo, que está no mesmo nível das demais forças europeias, como uma França ou uma Alemanha?

António José Silva (AJS) - Nós não podemos comparar o nível de desenvolvimento desportivo global, e não estou a falar só da natação, mas de desenvolvimento desportivo de uma França, Alemanha, Inglaterra ou Holanda, com Portugal, como é óbvio desde logo. Isto pressupõe a existência de um modelo de organização do desporto que no caso de Portugal inexistente, ou se existe é muito incipiente, então começamos desde aí. Depois, basta analisar aquilo que são as taxas de prática de atividade desportiva do observatório do eurobarómetro e vemos que Portugal está na calda da Europa, com 27% das pessoas que praticam e 73% das pessoas que não praticam. Estamos a anos luz daquilo que são os outros países da Europa. Partindo desse pressuposto é o óbvio que o nível de desenvolvimento do desporto em Portugal não pode ser comparável com esses países.

SM - E relativamente ao desenvolvimento da natação feminina, o que diz?

AJS - Relativamente ao desenvolvimento do desporto feminino e no caso da natação, pode-se dizer que o nível competitivo e os indicadores de prática que são enviados para a tutela atestam que o desenvolvimento das disciplinas aquáticas em Portugal, no sexo feminino, goste de falar do sexo porque o género é a importação do sexo, é melhor que o sexo masculino.

SM - A natação é um dos poucos desportos em que há mais mulheres federadas do que homens em Portugal [quando somados os números do programa PAN]. A que podemos atribuir essa mudança histórica e que pontos acha que ainda podemos evoluir?

AJS - A natação em Portugal, em termos de Federação como utilidade pública, a par das outras federações é uma das poucas que tem taxa de participação feminina superiores às taxas de participação feminina. Aliás, há um indicador no IPDJ que é valorizado nas métricas que



António José Silva, presidente da Federação Portuguesa de Natação

são programas que possam aproximar a participação feminina da participação masculina. Conosco é o contrário, temos que solicitar ao IPDJ programas de financiamento que nos permitam aumentar a taxa de participação masculina em relação à feminina, que é maior. Isso a nível de participação dos filiados e federados, que há uma diferenciação entre aqueles que têm uma prática competitiva e aqueles que, apesar de filiados, não têm a prática competitiva. Porque isso acontece? É simples: nós temos uma representação clara e correcta daquilo que é a realidade e a pirâmide social em Portugal, quer a nível de estratos etários, quer a nível de distribuição de género masculino e feminino desta população. Portanto, nós tendemos a refletir nos nossos indicadores aquilo que é a representatividade social do sexo masculino e do sexo feminino.

SM - Por outro lado, ainda há uma desigualdade nos cargos de administração e de treinadores, acha importante haver mais mulheres nestes cargos?

AJS - Se me pergunta se estou satisfeito, estou satisfeito com a participação a nível dos atletas. Mas ainda há um caminho a percorrer, e nós temos que percorrer, a nível de outras áreas, de outros indicadores e outros sectores que devem ser valorizados na participação desportiva, tais como a questão do dirigismo, onde as taxas de participação feminina são incipientes relativamente aos masculinos; relativamente aos treinadores e aos árbitros. Portanto, neste caso ainda estamos aquém. É um trabalho que temos vindo a desenvolver,

ATENAS 2004

RAQUEL FELGUEIRAS
100m Mariposa 20º lugar

DIANA GOMES
100m Bruços 24º lugar
200m Bruços 23º lugar

PEQUIM 2008

SARA OLIVEIRA
100m Mariposa 35º lugar
200m Mariposa 19º lugar

DIANA GOMES
100m Bruços 26º lugar
200m Bruços 29º lugar

PEQUIM 2008

SARA OLIVEIRA
100m Mariposa 35º lugar
200m Mariposa 19º lugar

DIANA GOMES
100m Bruços 26º lugar
200m Bruços 29º lugar

LONDRES 2012

SARA OLIVEIRA
100m Mariposa 36º lugar
200m Mariposa 24º lugar

ANA RODRIGUES
100m Bruços 35º

RIO 2016

TAMILA HOLUB
800m Livres 24º

VICTORIA KAMINSKAYA
400m Estilos 28º lugar
200m Estilos 35º lugar

TÓQUIO 2020

TAMILA HOLUB
1500m Livres 22º
800m Livres 25º

DIANA DURÃES
1500m Livres 23º

ANA CATARINA MONTEIRO
200m Mariposa 11º lugar

mas temos também que respeitar aquilo que é a tendência social. Nós não podemos ultrapassar aquilo que é a tendência social. E, feliz ou infelizmente, isto é uma realidade: a participação feminina ainda fica muito condicionada ao papel social que a mulher tem na sociedade, que ainda é um papel que não tem emancipação que deveria de ter à luz daquilo que são os parâmetros e os padrões internacionais.

SM - Premiações e bolsas aparecem numa tabela da FPN sem que seja feita qualquer diferenciação com os homens. Existe igualdade de tratamento e de oportunidades na natação para as mulheres. Acredita que esse tratamento tende a também elevar a qualidade dos resultados das nossas nadadoras?

AJS - Eu gostava muito de ficar com os louros, mas não posso. Seria impensável no nosso quadro normativo e legal em termos de Portugal haver uma diferenciação do sexo quanto ao tratamento relativamente às condições do alto rendimento. Como a Federação se rege? Rege quanto aos critérios que vêm da Legislação em vigor aplicando à nossa realidade diretiva, o que faz com que os atletas que atinjam os critérios tenham a premiação e o apoio à preparação correspondente, independentemente de serem homens ou mulheres. Portanto, isto não se deve à FPN, nem a nenhuma outra federação, deve-se ao nosso quadro normativo legal, ao nosso regime jurídico das federações desportivas, e não diretamente à FPN.

Outra coisa diferente é criar as condições de preparação que são extensivas a todos os atletas que estão a ser valorizados no âmbito do alto rendimento, independentemente de serem homens ou mulheres, também nós o fazemos. E mais, fazemos mais. Sei que não é o âmbito desta entrevista, mas também fazemos a extensão desses mesmos critérios à natação paralímpica, que também tem as mesmas condições de acesso, os mesmos apoios à preparação, os mesmos prémios que tem os outros atletas relativamente à obtenção dos mesmos critérios.

Tamila Holub, a saúde mental no alto rendimento e o foco em Paris-2024: "Fico feliz por saber que a cada ano estou a evoluir"



SM - De acordo com o Plano de Ação e Orçamento da FPN deste ano, o organismo vai investir 627,000 € na natação pura, um recorde. Existe algum valor destinado especificamente ao género feminino? E a que se deve esse orçamento histórico à modalidade?

AJS - O orçamento histórico da natação não é um orçamento anual. Ou seja, isto não se deve a uma varinha de condão que de um ano para o outro a gente abanou o saco, abracadabra, e apareceu o resultado. Deve-se a

Masculinos e Femininos nos Jogos Olímpicos

1924* Paris - 1 masculino
1948 Londres - 1 masculino
1952 Helsínquia - 4 masculinos (6 provas disputadas)
1960 Roma - 4 masculinos (9 provas) + 1 feminino
1964 Tóquio - 3 masculinos
1976 Montréal - 5 masculinos (20 provas)
1980 Moscovo - 2 masculinos (5 provas)
1984 Los Angeles - 2 masculinos (4 provas)
1988 Seul - 11 masculinos (16 provas) + 1 feminino (2 provas)
1992 Barcelona - 6 masculinos (11 provas) + 3 femininos (6 provas)
1996 Atlanta - 7 masculinos (10 provas) + 5 femininos (12 provas)
2000 Sydney - 6 masculinos (7 provas) + 1 feminino
2004 Atenas - 9 masculinos (10 provas) + 2 femininos (3 provas)
2008 Pequim - 6 masculinos (8 provas) + 2 femininos (2 provas)
2012 Londres - 5 masculinos (7 provas) + 2 femininos (3 provas)
2016 Rio - 2 masculinos (3 provas) + 2 femininos (3 provas)
2020 Tóquio - 4 masculinos (6 provas) + 3 femininos (4 provas)

Total:

98 nadadores portugueses em JO
165 provas disputadas
78 nadadores
128 provas masculinas
20 nadadoras
37 provas femininas

*O primeiro português a nadar nos Jogos Olímpicos foi Mário Silva Marques (Paris 1924). Ele terminou em último da sua série, nos 200m Bruços, com o tempo de 3.32:00.

Fonte: COP



Regina Veloso



Tamila Holub



Ana Catarina Monteiro

uma trajetória que a FPN tem vindo a implementar desde que eu sou presidente, em 2013. Fizemos aprovar um plano estratégico entre 2014 e 2024 e tudo aquilo que tem vindo a ser feito não é mais do que o reflexo da implementação desse plano estratégico. Para ter uma ideia, nós em 2012 tínhamos cerca de 13 mil filiados, atingimos o pico pré-Covid em 2019 com 120 mil, e este ano vamos para os quase 90 mil. Não atingimos o pico pré-Covid-19, e isto também tem a ver com o orçamento.

SM – O orçamento geral da FPN é algo que vem a crescer ano a ano...

AJS - Quando chegámos em 2013, o orçamento da FPN era na ordem dos 2,3 milhões de euros, dos quais 95% resultantes dos contratos de programa do Estado. Quando eu digo Estado, refiro-me ao IPDJ, Comité Olímpico... Hoje em dia o nosso orçamento é de cerca de 8 milhões de euros dos quais só 35% são resultantes de verbas contratualizadas com o Estado e os outros 65% são rendas próprias. Dito isto, é óbvio que tendo um orçamento maior podemos alocar mais verbas às disciplinas aquáticas que nos dão mais retorno. E para nós é inequívoco que quais são? A natação, a natação artística e as águas abertas. Isto é o primeiro patamar. Depois no segundo patamar aparecem as outras disciplinas aquáticas, nomeadamente o polo aquático e os saltos para a água que começam agora a aparecer com o investimento da FPN. É claro que isto também é resultado dos contratos de programa que temos com a obtenção dos critérios olímpicos.

SM - Estamos num ano pré-olímpico. O Plano de Alto Rendimento almeja alcançar dez mínimos A para os Jogos Olímpicos 2024. Quantas nadadoras espera ver em Paris e como avalia a qualidade das nossas atletas?

AJS - Eu estimo que a participação feminina será muito equitativa relativamente à participação masculina. Basta ver desde logo aqueles que estão integrados [no grupo Sénior Elite da FPN, relativamente à natação pura]: atualmente temos a Camila Rebelo, a Ana Catarina Monteiro, a Tamila Holub e a Diana Durães. Depois temos nas águas abertas a Mafalda Rosa e a Angélica André. E depois temos o dueto da natação artística com a Cheila Vieira e a Beatriz Gonçalves. São cerca de oito atletas integradas. No género masculino [na natação pura] temos o Gabriel Lopes, o Miguel Nascimento, o Diogo Ribeiro, o João Costa e o Francisco Santos, além do Tiago Campos e do Diogo Cardoso nas águas abertas.

SM – Mas acredita que todos podem alcançar o objetivo?

AJS - No plano ideal, se nós conseguíssemos apurar todos os atletas que estão integrados à preparação olímpica, iríamos ter nove mulheres contra sete rapazes. Seriam mais mulheres do que homens. Num plano real é normal que algumas não consigam atingir e alguns não consigam atingir. Daí que eu anteveja que a participação seja muito equitativa. Quanto à representatividade basta analisar aquilo que foram os resultados dos últimos Campeonatos Europeus de Roma onde as maiores potências estiveram lá. A Camila foi finalista,

a Catarina e a Tamila foram finalistas, a Angélica foi pó-dio, o duelo da artística foi finalista. Temos uma boa representatividade. O que quer dizer quando às mulheres são dadas as mesmas oportunidades, as mesmas condições e as mesmas garantidas de preparação, elas conseguem atingir tão bons ou melhores resultados que os homens. A questão aqui não é ser homem ou mulher, é a igualdade da criação de condições para que permitam expressar o seu rendimento, a sua prestação e o seu talento. ○

Estatísticas relativas à natação portuguesa em 2022

NADADORES FILIADOS AO PROGRAMA

PORTUGAL A NADAR (PAN)*

Masculinos – 27.258 (42,5%)

Femininos – 36.903 (57,5%)

Total: 64.161

NADADORES FEDERADOS NA NATAÇÃO PURA (ALTO RENDIMENTO)

Masculinos – 3.949 (53,6%)

Femininos – 3.411 (46,4%)

Total: 7.360

NÚMERO TOTAL DE NADADORES FILIADOS À FPN (TODAS AS MODALIDADES):

Masculino: 35.599 (46%)

Feminino: 42.239 (54%)

Total: 76.838

NÚMERO DE TREINADORES FILIADOS À FPN

Masculinos – 402 (72,5%)

Femininos – 153 (27,5%)

Fonte: FPN

O Plano de Alto Rendimento (PAR) divulgado pela FPN no que se refere a objetivos para 2024:

1. Presença numa final Olímpica;
2. 10 mínimos A Jogos Olímpicos (JO) 2024;
3. 6 classificações entre os 16 primeiros nos Jogos Olímpicos de 2024;
4. Participação de uma equipa de estafetas nos Jogos Olímpicos de 2024;
5. Alcançar nas competições de referência em cada época desportiva mais de 50% de recordes pessoais ou melhores marcas do ano;
6. Dois Centros de Alto Rendimento em funcionamento pleno;
7. Até ao final da Época desportiva 2023/2024 conseguir que um total de 16 nadadores com idade igual ou inferior a 23 anos, tenham cumprido pelo menos um dos tempos da tabela de referência 2021/2024, a menos de 3% do nível TOP Mundial e que funcionará como a base de Referenciação de Nadadores para o ciclo 2024/2028.

Fonte: FPN